

# Cartografias literárias: *Tsubame*, de Aki Shimazaki e *Rakushisha*, de Adriana Lisboa

Maria Zilda Ferreira Cury<sup>1</sup>  
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Recebido 30, jun. 2012 / Aprovado 04, jul. 2012

**Resumo:** Como espaço privilegiado das ficcionalizações identitárias e das mobilidades próprias às práticas culturais, como também para as transações da memória, a literatura se apresenta como expressão poderosa e complexa de um imaginário da mobilidade. O artigo objetiva refletir sobre este imaginário, tomando como exemplo dois romances: *Tsubame*, de Aki Shimazaki et *Rakushisha*, de Adriana Lisboa.

**Palavras-chave:** Imaginário da mobilidade-literatura migrante-espaço

**Abstract:** As a privileged space of identity fictionalizations and mobility proper to cultural practices, as well as for the transactions of memory, literature presents itself as a powerful and complex expression of an Imagery of mobility. This paper presents a reflection upon this Imagery, having two novels as examples: *Tsubame*, by Aki Shimazaki and *Rakushisha*, by Adriana Lisboa.

**Keywords:** mobility imaginings; migrant literature; space

**Résumé:** En tant qu'espace privilégié pour les fictionnalisations identitaires et pour les mobilités propres aux pratiques culturelles, ainsi que pour les transactions mémorielles, la littérature se présente comme expression puissante et complexe d'un imaginaire mouvant. L'article a pour but de réfléchir sur cet imaginaire en prenant comme sujet deux romans: *Tsubame*, de Aki Shimazaki et *Rakushisha*, de Adriana Lisboa.

**Mots-clés:** Imaginaire mouvant- littérature migrante-espace

Deslocamentos de populações, intensa circulação de produtos e imagens, produções culturais que assumem radicalmente a transitoriedade e a mobilidade em suas temáticas e na própria fatura de suas obras são marcas de nosso mundo con-

temporâneo. O antropólogo Marc Augé (2009), refletindo sobre tais realidades em trânsito, enfatiza que a mobilidade contemporânea é “surmoderne”, superabundante, o que a diferencia do nomadismo tradicional estudado na bibliografia clássica dos etnólogos. A proliferação “rizomática” de espaços móveis e das deambulações imprimem sua marca em nossas sociedades atuais, conferindo-lhes tal feição especial. “Modernidade líquida” é a expressão de Zygmunt Bauman (2001) quando se refere à fluidez de nosso contexto social, sujeito às intensas migrações internas, à locomoção de migrantes e estrangeiros, ao rearranjo de identidades nacionais, à navegação no espaço virtual e à mobilidade das dinâmicas culturais da atualidade.

Simon Harel, alternativamente, salienta como o imaginário da contemporaneidade nos dá a impressão de que somos livres de limitações físicas da territorialidade e de que nossos parâmetros espaciais foram substituídos pelos deslocamentos e pelos trânsitos (HAREL, 2007, p. 45). Além disso, a mobilidade, segundo o pensador canadense, se inscreve na necessidade e no impulso sentidos pelos sujeitos na premência de se movimentarem, ainda, entre diferentes domínios culturais.

Por sua vez, Walter Moser (2004) enfatiza a movência como marca distintiva das expressões culturais da atualidade. Os milhões de turistas, de refugiados de guerras étnicas, religiosas ou ideológicas, de pessoas fugindo da fome ou em busca de oportunidades ligadas à internacionalização do trabalho fazem de nosso mundo contemporâneo um espaço de circulações multiformes. Neste enorme contingente, podem ser incluídos os chamados novos nômades urbanos que deambulam pelas metrópoles do planeta.

Tais processos enformam, com movência acelerada, nosso imaginário estético, que exhibe faces de re-leitura e re-escritura, por meio de produções abertas às “braconagens” as mais radicais, para utilizar o termo do teórico canadense Simon Harel (2005) quando se refere às apropriações e trocas intensas, características da contemporaneidade. São esses os parâmetros que se ligam a novas concepções de espaço que permeiam, com força desconstrutora, o domínio das Ciências Humanas. Como nos registra Harel, em outro texto:

*Le lieu ne cesse de bouger. Il dessine un passage mobile, parfois un panorama altéré. Il n'est pas qu'un centre grâce auquel l'espace consolide l'existence de frontières.* (HAREL, 2008. p. 2).

As relações e transferências próprias de um imaginário movente alteram, pois, as nossas relações com o espaço. Advindas de variadas áreas do conhecimento, como a Geografia ou as Ciências Sociais, novas conceituações de espaço revelam-se extremamente produtivas para analisar as produções culturais de nossos dias. Os estudos literários também se valem desta centralidade atribuída ao conceito cuja representação na ficção contemporânea afigura-se com um caráter verdadeiramente abrangente. Na narrativa contemporânea, o espaço constrói-se a partir do cruzamento de variados planos espaço-temporais experimentados pelo sujeito, apresentando uma dimensão múltipla e um caráter aberto... (SANTOS e OLIVEIRA. 2001, p. 83). A produção literária contemporânea amplia possibilidades de representação das dispersas e vulneráveis metrópoles do mundo e de seus personagens nômades, com memórias fragilizadas pelos deslocamentos e pelas migrações. Mas da mesma forma são o campo enunciativo das vozes narrativas que questionam seu lugar e seu papel nos diferentes espaços sociais, as vozes dos “small numbers”, seres à margem da globalização sobre as quais nos fala Arjun Appadurai (2006).

Marc Augé, nas suas reflexões sobre a mundialização, igualmente se reporta à contradição constitutiva dos processos de mundialização:

*Nous savons bien pourtant que les apparences de la mondialisation et de la globalisation recouvrent bien des inégalités et nous voyons, à diverses échelles, ressurgir des frontières dont l'existence apporte un démenti à la thèse de la fin de l'histoire.* (AUGÉ, 2009. p. 12)

As mobilidades sempre mais intensas de nossos dias exibem, pois, as “cicatrizes” das fronteiras, das limitações e da manutenção dos centros de poder e de suas margens. Tais contradições atingem as produções culturais. Não é sem razão que Pascal Gin (2009) salienta a instabilidade do sintagma mobilidade/cultura, devido à assimetria entre o imaginário cultural e a mobilidade das redes econômicas, constatando a extrema ambivalência da chamada escritura migrante. Tal ambivalência se mostra visível quando se considera a coexistência contraditória, algumas vezes no interior mesmo de muitas manifestações literárias, de movimentos de territorialização e de desterritorialização, de tensões e oscilações entre o global/o nacional/o regional, entre a afirmação de uma identidade mun-

dializada e a simultânea busca de re-significação do nacional ou a busca sempre vã de se autoconferir uma identidade. A “écriture migrante”, é ainda Pascal Gin que o afirma, mantém relações estreitas com as transversalidades nacionais e com as práticas diaspóricas. Do ponto de vista diegético, localizam-se tais escrituras fora do simbolismo do território nacional; antes, articulando-se a redes globalizadas dos grandes centros urbanos, assumem função de permutadores culturais. (GIN. 2009. p. 251) Por outro lado, nota-se, por contradição, reiterar-se, ainda uma tendência da escritura migrante de se reinscrever num projeto literário nacional, mesmo se o espaço urbano de nossas metrópoles seja representado no interior dessas escrituras como partilhando muitos pontos em comum.

Como espaço privilegiado para as ficcionalizações e os trânsitos identitários e para as mobilidades próprias às práticas culturais e às transações da memória, a literatura contemporânea se apresenta como expressão potente e mais complexa deste Imaginário Movente. Como acentua Maria Bernadette Porto, a literatura guarda uma especificidade no interior desses processos de mobilidade:

Visto como alguém cuja enunciação é marcada pela impossibilidade de se designar um ‘lugar verdadeiro’, todo autor se encontra diante de uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar. Isso porque a literatura supõe o confronto produtivo da ideia de localização – ligada às instituições responsáveis pelo gerenciamento e legitimação de obras literárias – com a de ‘deslocalização’. (PORTO. 2006. p. 169)

Em poucas palavras e generalizadamente falando, a literatura apresenta figuras características deste imaginário da mobilidade, em cenários preferencialmente urbanos: o imigrante, o afastado do espaço nacional de origem, mas também o marginalizado, o subalterno, os novos nômades que atravessam as metrópoles de nosso mundo são seus personagens, em escrituras que ficcionalizam o desenraizamento e o sofrimento presentes nas negociações identitárias que fazem parte das múltiplas situações de deslocamento. As escrituras contemporâneas muitas vezes promovem um movimento para o interior, uma intramoção<sup>2</sup>, isto é, narrativas que tematizam deslocamentos no tempo e no espaço, simultaneamente a uma busca subjetiva, escritos que põem em circulação memórias individuais e coletivas, “espaços de linguagem”, para onde convergem a infância, a busca das

origens e do espaço identitário. Discursos de memória em que estranhamente é a representação do presente o objeto de disputa. Tais narrativas apresentam-se como fiapos de lembranças que buscam reconstruir o passado, só o fazendo como possibilidade de assunção da consciência trágica do presente.

Finalmente, narrativas que exibem espaços longínquos, com narradores em crise, algumas vezes nativos que são estrangeiros em seus próprios territórios de origem, colocando em dúvida sua identidade nacional, falando de não-lugares (Cf. AUGÉ, 2007), de espaços não fixados nos mapas, espaços de não-pertencimento, que criam sentimentos de estranheza de variadas ordens: linguística, territorial e identitária.

A mobilidade está presente, então, na variedade de enunciações que se podem registrar nas ficções contemporâneas, com a criação de novos gêneros, com a reciclagem de formas literárias tradicionais, assumindo dicções instáveis e móveis.

Escolhi falar, rapidamente, sobre dois romances, significativos dos processos acima descritos: *Rakushisha*, da escritora brasileira Adriana Lisboa, e *Tsubame*, da escritora canadense, nascida no Japão, Aki Shimazaki. A escolha foi feita levando em conta, entre vários motivos, que são escrituras com uma dicção feminina, com personagens em exílio, sobretudo quando se pensa no romance *Tsubame*, e também porque ambas as narrativas se ocupam do espaço do Oriente.

De saída, os títulos de ambos os romances anunciam, pelo uso de palavras em japonês, uma estranheza que reivindica tradução de termos e de realidades pretensamente antípodas àquela do Ocidente, anunciando para o leitor um espaço “longínquo”. *Rakushisha* quer dizer A cabana dos caquis tombados, termo que designa a moradia de um discípulo do poeta Bashô, no Japão.

Como *Tsubame*, *Rakushisha* é um pequeno romance. Duas pessoas, Celina e Haruki, se encontram, por acaso, no metrô, no Rio de Janeiro. O encontro, num espaço por assim dizer em movimento, num quase não-lugar, para usar da expressão de Marc Augé (2007), já coloca a narrativa no campo semântico da mobilidade, da movência que caracteriza os deslocamentos dos habitantes das metrópoles. Haruki carrega consigo um livro, com caracteres orientais, que chama a atenção de Celina. O rapaz explica tratar-se de um livro do poeta Bashô, em japonês, língua que ele não aprendeu. A despeito disso, foi convidado a ilustrar a tradução brasileira do livro. Para tanto, deve viajar para o Japão e, num impulso, convida Celina a acompanhá-lo. A ação presente se passa no Japão.

O universo da tradução se coloca em movimento: Matsuo Bashô, ele próprio um poeta itinerante, um dos mestres do *haikai*, se constitui como móvel da narrativa, já que os princípios filosóficos que tomam a vida como um trilhar de caminhos, como impulsionadora do percurso, dão a tônica às ações e às reflexões dos personagens.

*Essa é a verdade da viagem. Eu não sabia.*

*A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não é para ponto fixo no espaço. Que nós somos feitos a passagem dos dias e dos meses dos anos, como escreveu o poeta japonês Matsuo Bashô num diário de viagem, e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar. (LISBOA. 2007, p. 11)*

Celina lê o diário do poeta e, por ele inspirada, escreve o seu próprio diário; Haruki ilustra o livro, traduzindo em imagens o texto do poeta, ou antes, suplementando-o com desenhos que dialogam com sua ascendência japonesa e sua origem brasileira e com a “tradução” de afetos com relação à mulher japonesa que traduz os poemas para o português. Deambulantes, as personagens vão fazendo descobertas de si e dos outros, dos espaços exteriores e interiores, por sutis *flashes* em cadências lentas e condensadas como os haicais e, como estas formas poéticas, com revelações ao mesmo tempo enigmáticas e fulgurantes.

*Era preciso reconhecer e reverenciar esses momentos. Eles eram rápidos e raros. Momentos em que sem nenhum motivo aparente tudo parecia entrar nos eixos, ajustar-se, encaixar-se. Acabavam-se as perguntas e a necessidade delas. Acabavam-se a pressa, o ter aonde ir, o vir de algum lugar. Simplesmente as solas dos sapatos batiam na calçada úmida e pronto, o mundo prescindia de outros significados. (LISBOA. 2007, p.)*

A enunciação partilhada entre várias vozes narrativas é extremamente sóbria e assume a marca delicada própria aos haicais japoneses. Tais vozes tomam a senda da reflexão íntima, fazendo oscilar o enquadramento temporal: a identidade voltada para um mundo distante, para um país pretensamente antípoda do espaço brasileiro, com uma cultura que julgamos radicalmente diferente é onde, contraditoriamente,

se dá o reencontro com o passado e onde as personagens se confrontam com seus tumultos os mais íntimos: para Celina, o enfrentamento da morte da filha; e as origens familiares, sempre negadas durante a vida no Brasil, para Haruki. O ascendente de japoneses, à sua maneira e assumindo o hibridismo de sua situação identitária, complexifica-a nela evidenciando os elementos tão variados que, se componentes de toda identidade, são radicalmente assumidos pelo sujeito contemporâneo.

*Você ia ficar feliz, velho. Cutucar o passado com a ponta do dedo do pé. Para constatar sua imobilidade?*

*Ir colhendo pelo caminho as imagens com os olhos, sua melhor câmera fotográfica (mas tinha uma outra, pelo sim, pelo não). Ir deixando que a terra de Bashô fosse entrando nele pelos cinco sentidos, se aninhasse em seus pulmões, ficasse impressa em suas digitais, ondulasse em chá verde sobre sua língua (mesmo que acompanhada de donuts), tocasse em seus tímpanos um grande sino de templo zen, mesmo que embaraçado em timbres distintos e profusos de telefones celulares. (LISBOA. 2007, p. 51)*

Vê-se no exemplo acima, semelhantemente a muitas outras passagens do romance, a mistura da recuperação de memórias da tradição e do lugar de origem paternos e dos elementos do mundo moderno. Mesclam-se, assim, na mesma busca, no mesmo caminho de reconhecimento identitário do narrador, a produtividade das sendas propostas por Bashô, o chá verde, o grande sino zen e os *donuts* e telefones celulares do mundo moderno.

Esta busca identitária termina por evidenciar a diversidade cultural no interior da cultura nacional e as consequências de tal diversidade nas literaturas migrantes da contemporaneidade. A busca identitária, a volta sobre si mesmo, o que antes registramos como “intramoção”, também se dá como abertura e acolhimento, hospitalidade oferecida ao Outro simultaneamente à busca por uma voz literária, uma voz narrativa que deixe sua marca própria. É o que nos registra Emmanuelle Burri, citada por Clément Moisan, sobre as representações da diversidade cultural:

*La recherche d'une voix littéraire et d'une voix narrative passe par le détour de l'Autre, la connaissance de l'Autre. Si à l'intérieur des romans, les personnages effectuent une quête d'autrui et celle-ci s'avère être la quête*

*de soi, il semble que de l'éthique littéraire de ces auteurs peut émaner une éthique que l'on pourrait énoncer de manière plus générale. En parlant de la découverte de l'Autre, on est amené à se découvrir Soi-même en tant que cet Autre nous enrichit et nous confère une part de notre propre identité.* (BURRI, Apud MOISAN, 2008, p. 100)

Apropriando-se de espaços tão diferentes ao torná-los próximos, habitando-os com histórias e culturas diversas, o texto de Lisboa, de certa maneira, se desloca da série literária estritamente nacional, permitindo um olhar, digamos, mais universal e móvel sobre o que se convencionou chamar de nacionalidade. Além disso, a construção do relato, por meio do cruzamento de narrativas, de tempos e locais tão variados e em movimento, dialoga com os conceitos mais contemporâneos de espaço.

O imaginário da movência encontra-se justamente marcado pela proliferação de narrativas. Lembro aqui a escritora Nancy Huston que defende que o ser humano concebe sua própria vida como uma narrativa, um percurso repleto de fabulações. Seu livro, denominado de modo significativo *L'espèce fabulatrice*, coloca em evidência um imaginário pleno de ficções, um imaginário que, assim caracterizado, confere um sentido, dá forma às vidas humanas, realidades consideradas como sempre em movimento (HUSTON, 2010).

*Rakushisha*, com a alternância de narradores, o deslocamento dos mesmos por espaços e temporalidades tão diferentes e variados, promove a interconexão de histórias criando espaços distinguidos por sua mobilidade.

*Encontro o ritmo. O labrador e seu dono vão lá na frente. Estranho a sensação de que nunca mais vou vê-los, e, no entanto, é muito mais frequente topar com criaturas que nunca mais vou ver do que o contrário. Eu me pergunto se a vida por acaso se faz de reencontros. Talvez se faça muito mais de tangentes, de movimentos periféricos, de olhares fugidios que no instante seguinte já se dissiparam.* (LISBOA, 2007, p. 10-11)

Neste sentido, é interessante atentar para o diálogo que tais disposições espaciais promovem com o conceito de espaço de Doreen Massey (Cf. 2009). O espaço para a geógrafa inglesa também diz respeito a uma realidade em trânsito,

a uma multiplicidade heterogênea de práticas, um processo sempre inacabado de interconexões. Segundo Massey, ele é formado por uma multiplicidade de trajetórias, de conexões contraditórias e inesperadas entre narrativas. Chegar a um novo lugar significa tornar-se associado à coleção de histórias de que tal lugar é feito. (MASSEY, 2009, p. 176) Mas, acentua, como a mundialização se apresenta inseparável das contradições que a acompanham, tal multiplicidade de trajetórias é constituída por conexões contraditórias, frequentemente inesperadas, e os cruzamentos de narrativas que formam o espaço estão sempre em conflito, em luta pela hegemonia discursiva. É desnecessário salientar a importância destas conceituações de espaço para literatura de imigração, de si já movente pela própria natureza dos universos dentro dela retratados. Mas não se trata somente da literatura de imigração *stricto sensu*. No conjunto em que se insere o imigrante, acha-se também o deslocado, o marginalizado ou o subalterno, ou simplesmente o diferente, o estrangeiro, o exilado. São figuras que, representadas no espaço de enunciações literárias, levam ao questionamento identitário, já que o espaço, na sua movência constitutiva, como quer ainda a geógrafa inglesa, faz de todos nós seres em trânsito, que marcamos nossas passagens com a nossos traços de memória, individual e coletiva, com nossos desejos, deixando vestígios de nossos afetos e experiências.

*A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço. Que nós somos feito a passagem dos dias e dos meses e dos anos, como escreveu o poeta japonês Matsuo Bashô num diário de viagem, e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar.* (LISBOA, 2007, p. 125)

Assim se conclui o livro de Adriana Lisboa, tomando relatos, tempos e espaços na sua dimensão de deslocamentos múltiplos, formando sujeitos também percebidos na sua movência.

Espaços móveis formados pelo cruzamento de histórias também são característicos da narrativa de Aki Shimazaki, desde o título. *Tsubame*, como nos informa a autora num glossário no final do volume, significa andorinha, pássaro migratório, no campo semântico, pois, dos deslocamentos, um símbolo contraditório da liberdade do voo, da esperança, mas, simultaneamente, da tristeza

profunda da partida. *Tsubame* é como as pequenas órfãs chamam o padre que delas se ocupa no orfanato onde a narradora foi deixada pela mãe. O glossário, mais que um paratexto, antes um suplemento, indica por si mesmo uma espécie de desvio, de deslocamento, um desafio linguístico ao francês, afirmando, pela impossibilidade de tradução de certos termos em japonês ou em coreano no corpo do texto, uma resistência identitária. Compelido a movimentar-se muitas vezes para o glossário, o leitor refaz o caminho de tradução da identidade, de tradução do corpo do texto e da memória. Tal resistência se mostra, entre outros, no uso particular da língua na escritura de Shimazaki, uma vez que a escritora escolheu escrever em francês, língua de adoção, afirmando o romance como espaço de trânsito étnico e entre diferentes culturas, um espaço de *braconagens* diversas, para utilizar mais uma vez a expressão de Simon Harel, testemunha de um estilo apurado, de emoções filtradas pelo processo tradutório. Penso também em uma outra escritora quebequense, de origem chinesa, Ying Chen, que explicita em suas obras *Quatre Mille Marches* e *Les Lettres Chinoises* um semelhante movimento linguístico.

A literatura que encena os diferentes processos de imigração traz como personagens figuras de estrangeiros e imigrantes, figuras tão presentes no espaço cultural canadense (e no brasileiro). Os movimentos de deslocamento de contingentes imigratórios para países como o Canadá e o Brasil, com a riqueza das transferências culturais daí advindas, tornam a figura do estrangeiro emblemática da mobilidade do nosso mundo atual. A literatura migrante também fala da condição paratópica de todo escritor, como nos diz ainda Maria Bernadette Porto:

Se, como afirma o mesmo teórico [trata-se de Dominique Maingueneau], ‘sem delocalização não existe literatura’ (2001, p. 28), a escrita migrante do Quebec atual constitui um domínio exemplar para se estudar a situação paratópica que caracteriza todo escritor. Ilustrando a complexidade de tal condição, textos iluminados pela ótica da migração – vista como categoria estética e como modo de se ver o mundo –, colocam em cena aspectos privilegiados da paratopia. (PORTO, 2006. p. 169-170)

O romance, terceiro volume da tetralogia criada por Shimazaki, pode ser inserido, pois, no que se tem denominado hoje como literatura migrante: primei-

ramente por se tratar de uma escritora de origem estrangeira, escrevendo fora de seu país de origem; depois pela temática que está centrada em questões envolvendo a imigração; finalmente, mas não de menor importância, por encenar as dolorosas desterritorializações decorrentes dos deslocamentos populacionais que, como já registrado anteriormente, marcam muitos dos movimentos migratórios contemporâneos. A língua literária, assim, com feição duplamente estranhada, duplamente estrangeira, como literatura e como língua traduzida, expressa exemplarmente espaços de interconexão e de aporias identitárias. Por outro lado, como o já célebre estudo de Julia Kristeva, *Étrangers à nous-mêmes*, nos evidencia, a perturbadora figura do estrangeiro coloca em xeque a pretensa inteireza identitária, seja como indivíduos, seja como cultura nacional, inscrevendo-se o estrangeiro com sua movente presença de modo desafiador nos textos literários. (Cf. KRISTEVA, 1988). Escritas que remetem ao desenraizamento e ao sofrimento e contradições das negociações identitárias presentes nas situações de migração, de movências.

Em *Tsubame* apresenta-se a história da narradora, Mariko, personagem já presente nos romances anteriores da série, uma velha mulher japonesa de origem coreana. Mesmo esta apresentação da personagem torna-se problemática uma vez que, com oito anos, por ocasião do grande terremoto que assolou a cidade de Tóquio, ela foi deixada pela mãe, uma imigrante coreana, num orfanato. O objetivo foi protegê-la uma vez que os coreanos eram (e ainda são nos dias de hoje) imigrantes muito discriminados no Japão, como registrado no próprio livro.

*Je ne parle à personne de mon origine. Mon fils croit, comme autrefois mon mari, que ma mère et mon oncle sont morts pendant le tremblement de terre, en 1923. La défaite du Japon et l'indépendance de la Corée n'ont rien changé à l'attitude des Japonais contre les Coréens au Japon. La discrimination est toujours là.* (SHIMAZAKI, 2001, p. 61)

O romance de Shimazaki ficcionaliza os acontecimentos traumáticos do terremoto de 1923, durante os quais mais de cem mil pessoas perderam a vida. Os coreanos, na ocasião, foram tomados como bodes expiatórios, culpabilizados pelos sofrimentos dos japoneses e, acusados de terem envenenado os poços de água tão escassos depois dos abalos de terra, foram vítimas de um verdadeiro massacre.

As experiências diaspóricas da contemporaneidade são constantemente tematizadas na literatura, transformada, com isso, em espaço de reflexão sobre esta face, o mais das vezes negativa, das mobilidades do mundo globalizado. As diferentes cartografias do mundo atual espelham os movimentos transnacionais e o “encolhimento dos espaços”. No seu livro *Cartographies of diaspora: contesting identities*, Avtar Brah propõe pensar a diáspora sempre relacionando-a um dado referencial, relacional sobretudo se quisermos compreender as contradições que atravessam as negociações identitárias das chamadas minorias.

*(...) ‘minorities’ are positioned in relation not only to ‘majorities’, but also with respect to one another, and vice versa. Moreover, individual subjects may occupy ‘minority’ and ‘majority’ positions simultaneously, and this has important implications for the formation of subjectivity. (BRAH, 1996, p. 189).*

E é deste modo que os dados, historicamente comprováveis e referenciados no romance, passam pelo crivo da subjetividade, do olhar da narradora que os reconstitui como memória simultaneamente individual e coletiva.

Logo depois do terremoto e consciente da perseguição aos coreanos, a mãe recomendou à filha que se fizesse passar por japonesa, inclusive trocando seu nome por um outro, de origem japonesa.

*Yonhi tu dois faire semblant d’être japonaise ici. Le mieux, c’est de garder le silence. Tu comprends? (...) j’ai écrit dans la lettre que ton nom est Mariko Kanazawa. Ne prononce pas ton véritable nom, Yonhi Kim, devant personne. (SHIMAZAKI, 2001, p. 35)*

A perda identitária, a perda do nome e de raízes, a perda da língua materna, finalmente, fazem dela uma mulher “traduzida”.

*Tsubame* é texto que pode ser lido a partir de múltiplos cruzamentos, traçando um caminho de leitura que mistura espaços e tempos diferentes, trazidos ao leitor pelo trabalho atualizado da memória. A voz que rememora, habitante do velho corpo da narradora, recupera, pela lembrança a cicatriz, o trauma vivido na infância. Trauma inscrito na memória e na memória do corpo que memora:

*Ma mère me tire aussitôt en arrière. Je me cramponne à son cou.*

*La voix d'un homme dit:*

*\_Là-bas. Attrapez-les tous!*

*Je suis glacée de terreur. Ma mère me tient les épaules fortement. Ses mains tremblent.* (SHIMAZAKI, p. 33)

Falando da sociedade japonesa, através de episódios historicamente registrados, e sobre coreanos no Japão, como grupo étnico minoritário e, finalmente, assumindo um lugar de enunciação duplamente minoritário, como mulher e como coreana, a narradora faz de seu discurso um lugar de passagem de várias narrativas: a de sua mãe, a da velha mulher coreana que literalmente traduziu o enigma de suas origens, aquela de uma comunidade minoritária oprimida da qual ela assume o ponto de vista, comunidade que, como a afásica Mariko, encontra na escritura seu lugar excêntrico de enunciação.

Como nos acentua a apresentação de livro de ensaios que justamente tratam do deslocamento físico por lugares diversos de amplos contingentes populacionais em todo o mundo, exibindo a face contraditória da mundialização:

*Any atlas index resonates now with images of violent displacement: Bosnia, Cambodia, Ethiopia, Kurdistan, Los Angeles, Mozambique, Palestine, România, Rostock, Somália... the world witnesses what is probably the largest ever movement and migration of peoples dispossessed by war, drought, 'ethnic cleansing' and economic instability.* (ROBERTSON, 1998, p. 1)

Situações de exílio forçado e de desterritorialização são contrapartes negativas dos trânsitos contemporâneos.

*"Clandestins?" Ce mot me donne de la douleur. (...) La perte du travail, de la patrie, de la liberté. Ce qui attend ces gens dans un pays inconnu, c'est une vie misérable.* (SHIMAZAKI, 2001, p. 101)

HOFFMAN (1999) registra que a desterritorialização envolve condições em que o conhecimento, a ação e a identidade se desvinculariam da origem física

e de um lugar específico e é ela, a desterritorialização, a marca dominante da produção literária das “novas diásporas contemporâneas”, mesmo num mundo “globalizado” que, pretensamente, derrubou as fronteiras e subverteu o conceito de “nacional”. O espaço de estranhamento criado nestes textos a eles confere um profundo sentido político e de reflexão sobre a realidade social. Também neles se agudiza a problemática da expatriação, vista como indissociável da condição do escritor/intelectual, sempre um estranho, um “out of place” para usar da expressão de Edward Said que, inclusive, é o título de sua autobiografia (Cf. SAID, 1999, 1993). Edward Said, neste livro, como em outras publicações, desenvolve a ideia de que o intelectual deve falar a partir da margem da produção das ideias, evitando o pensamento central e levando em conta os marginalizados do conjunto social. A condição do intelectual é a do exílio, a do “fora-do-lugar”, deslocando a frente da cena. Tal condição é, muitas vezes, assumida, como já se disse, por estes narradores, nômades e deslocados, exilados.

Neste sentido e sempre por contradição, *Tsubame* coloca em cena o exílio da própria Aki Shimazaki, exortando a leitura numa língua também ela submetida à dor da tradução e tendo como pano de fundo sua situação como imigrante no Quebec. Discute, assim, o romance, pelo reenvio permanente a tantas e diferentes dimensões, às desterritorializações presentes no mundo contemporâneo e conferindo um sentido ético à escrita de Shimazaki, intelectual também ela “out of place”.

Há que se registrar, no entanto, que, mesmo falando a partir de uma “estrangeiridade” radical e perturbadora, a narradora de *Tsubame* deixa brechas para a recomposição da memória, para, em sonho embora, a possibilidade de uma outra história de vida.

*Allongée sur l’herbe, je regarde le ciel. Un couple d’hirondelles passe au-dessous des nuages blancs. Elles sont revenues de leur pays chaud. L’une suit l’autre à la même vitesse. Elles volent haut, ensuite très bas au ras du sol. Elles remontent et se perchent un moment sur le toit d’une maison. Je me dis: “Si on pouvait renaître, j’aimerais renaître en oiseau.” (SHIMAZAKI, 2001, p. 49)*

Ao recuperar o passado como possibilidade de reconstituição identitária,

embora precária e lacunarmente, Mariko aponta para a possibilidade de re-escrita das histórias individual e coletiva. Como quer Morin:

*É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca do futuro melhor deve ser complementar, mas não antagônica, ao reencontro com o passado. Todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, no qual projeta aspirações e esforços.* (MORIN, 2004, p. 77).

Há certamente, muito mais elementos a serem trabalhados no texto de Shimazaki e mais relações a serem feitas a partir do que marcamos de início como sendo o imaginário da mobilidade, principalmente o jogo identitário complexo estabelecido no texto: uma escritora japonesa, que ficcionaliza episódio histórico de sua terra natal, narrando-o sob o ponto de vista da minoria coreana no Japão. Mas gostaria de acrescentar ainda algumas ideias para salientar a importância da literatura produzida pelas comunidades minoritárias.

François Paré, refletindo sobre o conceito de diáspora, destaca que ele mudou consideravelmente no decorrer do tempo. O conceito se alargou, uma vez que se refere, hoje, aos desenraizamentos de variadas ordens presentes nas sociedades pós-modernas.

En ce qui concerne les communautés minoritaires et les groupes marginalisés, le concept de diaspora permet de comprendre autrement la formation même de la communauté minoritaire et ses origines dans la migration et le déplacement. Car la référence diasporale nous ramène toujours à l'histoire oubliée des communautés aujourd'hui marginalisées. (PARÉ, 2003, p. 67)

O teórico quebequense se refere, entre outros, aos vários povos indígenas e à condição de expropriação a que são submetidos:

D'autres, enfin, comme plusieurs des peuples indigènes sur ce continent et ailleurs, comme plusieurs insulaires aussi, vivent dans le lieu même de leur

histoire des conditions d'expropriation et d'ambivalence culturelle, semblables à celles des communautés déplacées, comme si la frontière avec l'extérieur, intériorisée, divisait à son tour l'espace identitaire en deux versants irréconciliables. (PARÉ, 2003, p. 68)

Nesse mesmo sentido, Simon Harel (2009) escreveu um texto bastante provocador. Ele evoca o que denomina uma certa orientalização da literatura migrante no Quebec que a valoriza como oportunidade de afirmação de um espaço multicultural. Ele manifesta o desejo de que o Quebec “s’ensauvage”, se torne selvagem e que seja efetivamente um espaço de aceitação de pessoas cujas alteridades não se limitem somente à Europa. Mas, manifesta também o desejo de que a tão propalada feição multicultural do Quebec possa acolher os ameríndios, voltando-se para o estrangeiro “de dentro” do próprio país.

Enfim, pode-se dizer que as duas obras, *Rakushisha* e *Tsubame*, sucintamente aqui apresentadas, embora com dicções muito diferentes, são exemplos do imaginário cultural movente que caracteriza a literatura contemporânea, remetendo a espaços e subjetividades, eles também móveis e cambiantes.

## Referências

- APPADURAI, Arjun. *Fear of small numbers: an essay on the geography of anger*. Durham/London: Duke University Press, 2006.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. 6a ed. Campinas: Papirus, 2007.
- AUGÉ, Marc. *Pour une anthropologie de la mobilité*. Paris: Payot et Rivages, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996.
- GIN, Pascal. Entre ambivalence et réflexivité: la mobilité culturelle et sa mobilisation littéraire dans l'écriture de la migration. In: WALTY, Ivete Lara Camargos, CURY, Maria Zilda Ferreira e ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Mobilidades culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. (p. 249-264).

- HANCIAU, Núbia. Escrituras e migrações. In: CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos e ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Mobilidades culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. (265-283)
- HAREL, Simon. Braconagem: um novo modo de apropriação do lugar? Tradução de Maria das Graças Carvalho, revisão de Maria Bernadette Velloso Porto. *Interfaces Brasil/Canadá*, Rio Grande, ABECAN/Ed. da FURG, n. 5, 2005. (p. 211-230)
- HAREL, Simon. *Espaces en Perdition: Tome II. Humanités jetables*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2008.
- HAREL, Simon. Resistências do lugar e invasão do virtual. As cibernmésias de Régine Robin. Tradução Normelia Parise. In: PORTO, Maria Bernadette; FIGUEIREDO, Eurídice (orgs.). *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2007. (p. 43-63)
- HAREL, Simon. Une appartenance orientale. Liminaire. In: PRZYCHODZEN, Janusz (dir.) *Asie du soi, Asie de l'autre: récits et figures de l'alterité*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2009. (p.1-26)
- HOFFMAN, Eva. The new nomads. In: ACIMAN, Charles (Ed.). *Letters of transit: reflections on exile, identity, language, and loss*. New York: The New Press, 1999.
- KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988.
- LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. São Paulo: Bertrand Brasil, 2009.
- MOISAN, Clément. *Écritures migrantes et identités culturelles*. Québec: Nota Bene, 2008.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2004.
- MOSER, Walter. La culture en transit: locomotion, médiamotion, artmotion. *Gragoatá*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. n. 17, 2. sem. Niterói: EDUFF, 2004. (p. 25-41).

MOSER, Walter & KLUCINSKAS, Jean. A estética à prova da reciclagem cultural. *Scripta*, n. 20, 2007 ( p. 17-42).

PARÉ, François. *La distance habitée*. Essai. Ottawa: Le Nordir, 2003.

PORTO, Maria Bernadette. Para uma leitura de aspectos da paratopia na poética das migrações. In: DINIZ, Dilma Castelo Branco, BARROS, Maria Lúcia Jacob Dias, ALMEIDA, Sandra Regina Goulart, DINIZ, Thais Flores Nogueira (orgs.) *Brasil-Canadá: olhares diversos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. (p. 169-182).

ROBERTSON, George et al. (Ed). As the world turns: Introduction. *Travellers' Tales: Narratives of Home and Displacement*. London: Routledge, 1998.

SANTOS, Luis Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa. *Sujeito, tempos e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios* Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward W. *Out of place: a memoir*. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: As conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SHIMAZAKI, Aki. *Tsubame*. Montréal, Arles: Leméac/Actes Sud, 2001.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutora em Literatura Brasileira (USP). Pós-doutorado na Sorbonne Nouvelle e na UFF. Professora Titular de Teoria da Literatura da UFMG. Professora de Literatura Brasileira nos Programas de Graduação e Pós-graduação da UFMG. Pesquisadora do CNPq.
- <sup>2</sup> Intra-moção foi a feliz expressão da Profa. Dra. Nubia Hanciau ao falar da obra do escritor gaúcho Luiz Antônio Assis Brasil (Cf. HANCIAU. 2009). A expressão intramoção foi colocada como um complemento (ou antes um suplemento) às mobilidades detectadas por Walter Moser como presentes no espaço cultural da contemporaneidade: locomoção, midiamoção e arte-moção (MOSER, 2004).